

A PREVALÊNCIA DE DOENÇAS CRÔNICAS E O USO DE MEDICAMENTOS EM MULHERES EM PRÉ E PÓS MENOPAUSA

ANA JULIA NUNES DA SILVA¹; EDIANA VOLZ NEITZKE²; JESSICA DAMÉ HANSE²; JULIANE BRISTOT PROSCZEK²; GIULIA DA CUNHA PEREIRA²; AUGUSTO SCHNEIDER³

¹Universidade Federal de Pelotas – annajulianunes153@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ediananeitzke.doc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - jeeh.hense@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - juliane@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - giuliacpereira@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – augusto.schneider@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

As doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) incluem uma variedade de condições, como diabetes, hipertensão, câncer, doenças cardiovasculares, respiratórias e renais (SIMÕES *et al.*, 2021). Além de serem as principais causas de morte em todo o mundo, representam um desafio significativo para a saúde pública global, uma vez que sua prevalência está em ascensão (BRASIL, 2022). Entre os fatores de risco associados a essas doenças, destacam-se o sedentarismo, a alimentação inadequada, o uso de tabaco, o consumo excessivo de álcool, além de fatores socioeconômicos e ambientais, como o acesso limitado a serviços de saúde e a presença de estresse (BRASIL, 2019).

Além disso, à medida que as mulheres envelhecem, especialmente durante a menopausa, há reduções na taxa metabólica de repouso e mudanças na composição corporal, como o ganho de peso e o aumento da gordura corporal, devido à diminuição dos níveis de estrogênio (TREVISAN e BURINI, 2007). Essa redução hormonal não apenas impacta a função metabólica, mas também eleva o risco de doenças crônicas nas mulheres pós-menopausa (MEIRELLES, 2014), que ficam mais suscetíveis a condições como doenças cardiovasculares, diabetes mellitus tipo 2, osteoporose, demência, depressão e certos tipos de câncer, especialmente quando comparadas às mulheres mais jovens ou na fase pré-menopausa (JÚNIOR, 2019).

O aumento das doenças cardiovasculares tem se tornado uma preocupação crescente em saúde pública, acompanhado pelo uso cada vez mais comum de medicamentos para condições como hipertensão, diabetes e dislipidemias. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2021), cerca de 1,8 bilhão de pessoas vivem com hipertensão, e a prevalência de diabetes tipo 2 tem crescido de forma alarmante, impactando diretamente a saúde cardiovascular (OMS, 2021).

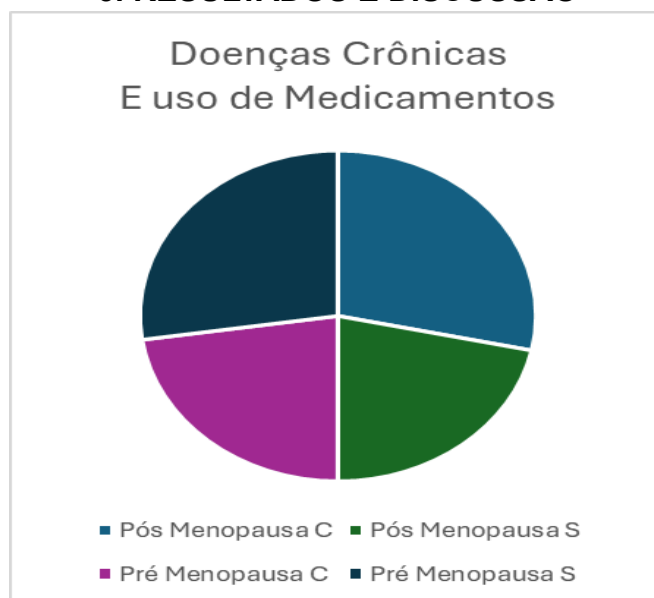
Estudos que analisam esses dados são essenciais para compreender a correlação entre o aumento das doenças cardiovasculares e o uso de medicamentos, permitindo melhores abordagens de tratamento e prevenção. Esses estudos também oferecem informações valiosas para a formulação de políticas de saúde e alocação de recursos. Assim, o presente estudo tem como objetivo avaliar a prevalência de doenças crônicas e o uso de medicamentos em mulheres pré e pós-menopausa.

2. METODOLOGIA

O presente estudo foi conduzido com mulheres atendidas no Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Escola da Universidade Federal de Pelotas, com idades entre 19 e 60 anos, aprovado pelo comitê de ética sob o protocolo nº 6.703.048, todas participantes mediante consentimento informado. A menopausa foi definida como ausência de menstruação por 12 meses. Para aumentar a diversidade da amostra, foram realizados três mutirões em datas específicas, permitindo o recrutamento de mais mulheres. As participantes responderam a um questionário estruturado, no qual foram coletados dados sobre variáveis demográficas, estilo de vida e saúde.

Neste estudo, foram incluídas mulheres diagnosticadas com doenças crônicas não transmissíveis (DCNT). Além do questionário, foram aferidos dados antropométricos, como peso, altura e circunferência da cintura. As variáveis sociodemográficas, bem como a prevalência de doenças crônicas, uso de medicamentos e os tipos de medicamentos mais frequentemente utilizados pelos participantes, permitindo identificar a doença crônica mais prevalente entre os entrevistados e os medicamentos de maior uso para seu tratamento.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



O gráfico revela que as mulheres na pós menopausal têm uma maior prevalência de doenças crônicas 57,7% em comparação com as mulheres na pré menopausa 45,4%. As condições de saúde mais relevantes diferem entre as fases, com a hipertensão e diabetes predominando na pós-menopausa, enquanto ansiedade e depressão são mais comuns na pré-menopausa. Estudos revelam que, após a menopausa, as mulheres apresentam um aumento significativo no risco de hipertensão e diabetes tipo 2, devido à resistência à insulina e à alteração na função cardiovascular, refletindo a maior rigidez arterial e disfunção endotelial (OLIVEIRA *et al.*, 2022).

A perda de massa óssea acentuada pela queda hormonal eleva o risco de osteoporose e fraturas. Em contrapartida, a fase da pré-menopausa é frequentemente marcada por distúrbios emocionais, como ansiedade e depressão, que, embora também possam predispor a doenças crônicas, têm uma relação diferente com o perfil de saúde da mulher (POLISSENI *et al.*, 2009). Assim, enquanto a pré-menopausa envolve riscos mais associados a questões

psicológicas, a pós-menopausa traz à tona uma série de condições físicas que requerem uma abordagem de saúde integral, reforçando a necessidade de intervenções personalizadas para melhorar a qualidade de vida nessa transição.

Além disso, 56,7% das mulheres na pós menopausa fazem uso de medicamentos, como anti-hipertensivos, enquanto na menopausa, 11,4% utilizam antidepressivos, sendo a fluoxetina a medicação mais prevalente para tratar a depressão. O uso prolongado de medicamentos na pós-menopausa pode acarretar diversas consequências. Anti-hipertensivos, por exemplo, estão associados a efeitos colaterais como tontura e fadiga, enquanto antidepressivos, como a fluoxetina, podem ocasionar problemas gastrointestinais e disfunções sexuais (KHAWAM, LAURENCIC & MALONE, 2006).

Esses efeitos adversos ressaltam a importância de um acompanhamento cuidadoso durante o tratamento farmacológico nessa fase. Para minimizar esses riscos, intervenções preventivas, como a prática de atividades físicas (ALVES, 2021), apoio psicológico e uma alimentação balanceada, são essenciais. Tais medidas podem reduzir a necessidade de medicamentos, melhorando a qualidade de vida das mulheres na pós-menopausa (EASTELL *et al.*, 2019). Além disso, a educação em saúde e a monitorização contínua são fundamentais para um manejo adequado, diminuindo a dependência medicamentosa e seus possíveis efeitos adversos (EASTELL *et al.*, 2019).

4. CONCLUSÕES

Foi possível observar que mulheres pós-menopausa têm maior prevalência de doenças crônicas, como hipertensão e diabetes, enquanto as na pré-menopausa apresentaram maior prevalência de ansiedade e depressão. O uso de medicamentos é comum em ambas as fases, com anti-hipertensivos na pós-menopausa e antidepressivos na pré-menopausa, mas o uso prolongado pode causar efeitos adversos, exigindo acompanhamento médico.

As mudanças hormonais que ocorrem após o evento da menopausa aumentam o risco de doenças cardiovasculares, destacando a necessidade de medidas preventivas como exercícios e apoio psicológico. Estudos como esse são importantes para nortear possíveis condutas que possam modificar ou atenuar o desfecho que doenças crônicas têm observado nessas mulheres. Investir em educação em saúde e acompanhamento multidisciplinar pode melhorar a qualidade de vida e reduzir a dependência de medicamentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Katara Gardenia Soares. **Imagem corporal, climatério e menopausa em mulheres: uma revisão integrativa**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Vigilância em Saúde**. Saúde Brasil 2018: Principais causas específicas de morte no Brasil e regiões, e mortalidade prematura por DCNT, 2005 a 2016. Brasília: MS, 2019.

EASTELL, Richard; ROSEN, Clifford J.; BLACK, Dennis M.; CHEUNG, Angela M.; MURAD; M. Hassan; SHOBACK, Dolores. Pharmacological Management of

Osteoporosis in Postmenopausal Women: An Endocrine Society Clinical. **Practice Guideline. J Clin Endocrinol Metab.** 2019. Acesso em: 10 out 2024.

JÚNIOR, Álvaro Dantas de Almeida. Modulação autonômica cardíaca em mulheres na pós-menopausa com síndrome do olho seco. 2019. Tese de Doutorado. **Universidade de São Paulo.**

KHAWAM, Elias A.; LAURENCIC, Georgia; MALONE, Donald A. Side effects of antidepressants: an overview. **Cleve Clin J Med.** 2006 Apr;73(4):351-3, 356-61. Acesso em: 10 out 2024.

MEIRELLES, Ricardo M. R. Menopausa e síndrome metabólica. **Arquivos Brasileiros de Endocrinologia & Metabologia**, v. 58, p. 91-96, 2014. Acesso em: 09 out 2024.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Doenças cardiovasculares: Principal causa de morte no mundo pode ser prevenida.** Brasil, 2022. Acesso em: 9 out. 2024.

NILSSON, Peter M.; VIIGIMAA, Margus; GIWERCMAN, Aleksander; CIFKOVA, Renata. Hypertension and reproduction. **Current hypertension reports**, v. 22, p. 1-11, 2020. Acesso em: 09 out 2024.

OLIVEIRA, Glaucia Maria Moraes de; et al. Posicionamento sobre a Saúde Cardiovascular nas Mulheres–2022. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 119, n. 5, p. 815-882, 2022. Acesso em: 09 out 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Hipertensão*. **Genebra: OMS**, 2021. Acesso em: 09 out. 2024.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Diabetes. **Geneva: WHO**, 2021. Acesso em: 09 out. 2024.

POLISSENI, Álvaro Fernando; et al. Depressão e ansiedade em mulheres climatéricas: fatores associados. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetria**, v. 31, p. 28-34, 2009. Acesso em: 9 out 2024.

RIBEIRO, Thaís Caroline et al. Análise da qualidade de vida da mulher na menopausa e os medicamentos utilizados. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 1, p. 1888-1902, 2024.

SIMÕES, Taynãna César et al. Prevalências de doenças crônicas e acesso aos serviços de saúde no Brasil: evidências de três inquéritos domiciliares. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 3991-4006, 2021.

TREVISAN, Mara Cléia; BURINI, Roberto Carlos. Metabolismo de repouso de mulheres pós-menopausadas submetidas a programa de treinamento com pesos (hipertrofia). **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v. 13, p. 133-137, 2007. Acesso em: 09 out 2024.